

### História Regional sob a perspectiva dos processos civilizadores: possibilidades de pesquisa a partir do caso de Monte Alegre - PR

*Regional History under the civilizing processes perspective: research possibilities based on the case of Monte Alegre - PR*

**Ana Flávia Braun Vieira\***

Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Ponta Grossa, Paraná, Brasil

**Miguel Archanjo de Freitas Junior\*\***

Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Ponta Grossa, Paraná, Brasil


**Recebido em:** 24 ago. 2020.

**Aprovado em:** 12 nov. 2020.




---

\* Professora Colaboradora da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Departamento de Educação. Doutora e Mestre em Ciências Sociais Aplicadas e graduada em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: ana.braun@yahoo.com.br

 <https://orcid.org/0000-0002-7644-2986>

 <http://lattes.cnpq.br/4186340073318174>

\*\* Professor Associado da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Setor de Ciências Biológicas e da Saúde, Departamento de Educação Física e Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ciências Sociais Aplicadas. Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná; Mestre em Ciências Sociais Aplicadas e graduado em Educação Física pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: mfreitasjr@uepg.br

 <https://orcid.org/0000-0001-6636-8084>

 <http://lattes.cnpq.br/3535289084806834>

## Resumo

Este artigo estudou a história da cidade-empresa de Monte Alegre (atual município de Telêmaco Borba – PR), de propriedade das Indústrias Klabin, buscando compreender como a região conhecida como sertões do Tibagi se tornou uma referência para a industrialização e urbanização nacional de meados do século XX. Sob a perspectiva da teoria dos processos civilizadores, foi realizada a análise de conteúdo das crônicas de Hellê Vellozo Fernandes, publicadas no jornal *O Tibagi* entre 1948 e 1964, visando identificar as sensibilidades que orientaram o processo de civilização naquela formação social e as esferas da vida às quais as publicações eram dirigidas, como também para compreender os processos de adequação comportamental e as ações de resistência. Os resultados da análise, além de permitirem conhecer aspectos das relações sociais e emocionais da formação social em questão, indicam os jornais como um elemento potencialmente acelerador do processo civilizador, uma vez que suas narrativas funcionam como pressões que direcionam a transformação comportamental, alterando o ritmo e os conteúdos das aprendizagens em seu espaço de abrangência. O estudo aponta ainda que o processo de recepção das narrativas jornalísticas tem características heterogêneas, variando o sentido de acordo com as diferentes classes envolvidas – sendo a mais afetada a camada média, pressionada pelo desejo de prestígio e o medo de perder a posição social já conquistada.

**Palavras-chave:** História Regional. Processo Civilizador. Telêmaco Borba (PR). Fontes Jornalísticas.

## Abstract

This paper studied the history of Monte Alegre company town (current municipality of Telêmaco Borba - PR, Brazil), owned by the Klabin Industries, seeking to understand how the region known as the Tibagi's hinterland became a reference to Brazilian industrialization and urbanization in the middle of the 20th century. Under the civilizing processes theory perspective, it was carried out a content analysis of the Hellê Vellozo Fernandes chronicles, published in the *O Tibagi* newspaper between 1948 and 1964, aiming to identify the sensitivities that guided the civilization process in that social formation and the life spheres to which her publications was directed, as also to understand the processes of behavioral adequacy and resistance actions. The analysis results, besides allow knowing aspects of the social and emotional relations of the figuration in question, indicate the newspaper as a potential accelerator element of the civilizing process, since its narratives works as pressures that direct the behavioral transformation, changing the pace and the contents of learning in its scope. The study also points out that the journalistic narratives' reception process has heterogeneous characteristics, varying the meaning according to the different classes involved – being the middle layers the most affected, pressured by the desire for prestige and the fear of losing the social position already achieved.

**Keywords:** Regional History. Civilizing process. Telêmaco Borba (Paraná, Brasil). Journalistic Sources.

## Considerações iniciais

A história de uma localidade, perspectivada sob a teoria dos processos civilizadores, é formada pelas sucessivas transformações interdependentes das estruturas sociais e emocionais das diversas figurações que a compõe. São as diferentes relações ali estabelecidas, no decorrer das gerações, que caracterizam essa formação social, seus saberes e comportamentos. Resultam desse movimento padrões para o que é ou não aceitável às diversas esferas da vida e, a partir destes referentes, os indivíduos – e, portanto, as sociedades – passam a controlar-se mutuamente, buscam diferenciar-se e, por vezes, estigmatizam condutas desviantes.<sup>1</sup> A criação de padrões para a manifestação e apreciação de comportamentos remete-se à noção de civilização, que pode ser sintetizada como “transformações do habitus social dos seres humanos na direção de um modelo de autocontrole mais bem proporcionado, universal e estável”.<sup>2</sup>

Parte do processo civilizador de Telêmaco Borba (PR) foi descrito sob a perspectiva de Hellê Vellozo Fernandes no livro intitulado *Monte Alegre, Cidade Papel* – publicado em 1974 e ainda hoje uma das únicas referências sobre a história da região. Nele a escritora e jornalista apresentou a implantação de uma indústria nos “sertões do Tibagi” e dos homens que tornaram possível a existência da “cidade-papel”. O título da obra refere-se a uma Fazenda de propriedade das Indústrias Klabin, onde, a partir de 1934, foi implementada uma fábrica de papel e celulose e uma cidade-empresa.<sup>3</sup>

De maneira elementar, uma cidade-empresa pode ser caracterizada como um meio ambiente construído que assegura a produtividade na fábrica – razão fundamental de sua existência.<sup>4</sup> Por ser idealizada em função do capital, dentro das cidades empresas existe uma lógica muito específica de funcionamento (que varia de formação social para formação social, no tempo e no espaço). Ao tomar parte naquela sociabilidade, os indivíduos passavam a ter acesso a bens que talvez não tivessem em seu local de residência anterior, no entanto, havia uma contrapartida: agir conforme as expectativas patronais.

O início das atividades em Monte Alegre abriu um novo mundo para seus trabalhadores: casas de alvenaria, energia elétrica, livro ponto... Todas essas inovações, para a maioria dos operários da fábrica e seus familiares, eram grandes novidades e exigiam, de maneira proporcional, mudanças na forma como esses indivíduos viviam e expressavam suas emoções.

---

<sup>1</sup> Cf.: ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

<sup>2</sup> ELIAS, N. *Escritos & Ensaios*. Vol. 1: Estado, processo, opinião pública. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 24.

<sup>3</sup> FERNANDES, H. V. *Monte Alegre, Cidade Papel*. São Paulo: Símbolo S. A. Indústrias Gráficas, 1974, p. 06. A instalação oficial do município de Telêmaco Borba ocorreu em 21 de março de 1964. Até então a localidade pertencia à Comarca de Tibagi – PR. De acordo com dados do jornal *Diário Carioca*, em 1947, ano em que a produção de papel para jornal foi iniciada, a população de Monte Alegre já ultrapassava 14 mil pessoas. *Apud*: COUTO, R. C. *A saga da família Klabin-Lafer*. Rio de Janeiro: Chermont, 2017, p. 271.

<sup>4</sup> Cf.: PIQUET, R. *Cidade-empresa: presença na paisagem urbana brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Em uma localidade que teve como principal incentivador Getúlio Vargas e que se pretendia exemplar para a industrialização e a urbanização nacional, seus moradores deveriam igualmente servir de modelo para o Brasil, apresentando comportamentos alinhados aos intentos civilizatórios vigentes.<sup>5</sup>

Considerada uma “cidade cosmopolita, para onde convergiram pessoas de numerosas nacionalidades (cerca de trinta nacionalidades diferentes)”,<sup>6</sup> Monte Alegre era dividida em três grupos, hierarquizados de acordo com os postos de trabalho: 1) os plantadores de pinho e cortadores de lenha, moradores dos acampamentos do mato;<sup>7</sup> 2) os operários da fábrica e 3) os técnicos, graduados e chefes – estes últimos residentes nas figurações urbanas locais.<sup>8</sup> Os costumes entre as classes eram distintos e respondiam às aprendizagens anteriores à Monte Alegre, ou seja, às redes de interdependência às quais pertenciam. Dado o diferencial comportamental entre os diferentes grupos de trabalhadores e suas famílias, que poderia gerar tensões dentro e fora do ambiente de trabalho, os industriais exerceram uma série de pressões que estimulou a homogeneização das condutas na cidade-empresa na direção de suas expectativas.

Entre os diversos monopólios exercidos pela Klabin e que contribuíram para a transformação das relações sociais e emocionais em Monte Alegre – como o econômico, dos serviços essenciais, do espaço e da violência<sup>9</sup> –, destaca-se para essa problematização a influência do jornalismo (monopólio da informação) na orientação comportamental local. Assim, a partir da análise de conteúdo das crônicas da jornalista e escritora Hellê Vellozo Fernandes, publicadas no jornal da empresa entre 1948 e 1964, foram estudados aspectos do processo civilizador que transformou aquela terra tida como inóspita em referente nacional, a saber:<sup>10</sup> as sensibilidades locais, as esferas da vida sobre as quais as pressões normativas incidiam e os processos de adequação comportamental e de resistência.<sup>11</sup>

---

<sup>5</sup> COUTO, R. C. *A saga da família... Op. cit.*, p. 228, 234; WILLER, M. R. *Harmonia: uma utopia urbana para o trabalho*. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, p. 109.

<sup>6</sup> KOLODY, H. Escreveu Helena Kolody a autora. In: FERNANDES, H. V. *Monte Alegre, Cidade Papel*. São Paulo: Símbolo S.A. Indústrias Gráficas, 1974, orelha do livro.

<sup>7</sup> Acampamentos provisórios instalados no meio da mata, próximo às regiões de plantio e extração de matéria-prima para a produção de papel.

<sup>8</sup> O bairro residencial da fábrica era formado pelas vilas de Harmonia, Caiubi e Operária. PIQUET, R. *Cidade-empresa... Op. cit.*, p. 85.

<sup>9</sup> WILLER, M. R. *Harmonia... Op. cit., passim*; VIEIRA, A. F. B. *Jornalismo e a duração dos processos civilizadores: análise da adequação comportamental e da formação de uma segunda natureza em Monte Alegre – PR (1942- 1964)*. 2020. Tese (Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa (PR), p. 102.

<sup>10</sup> A opção pelas crônicas jornalísticas escritas por Hellê Vellozo Fernandes tem relação com sua posição destacada na sociabilidade local, os temas sobre os quais escrevia (uma espécie de registro das sensibilidades da classe que representava em Monte Alegre) e as indicações de transformações e resistências presentes em suas narrativas. Sobre o jornal da empresa, ver: CUNHA, A. C. *Homem de Papel: Análise Histórica do Trabalhador das Indústrias Klabin do Paraná de Celulose S/A (1942-1980)*. 1982. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

<sup>11</sup> Entende-se por “resistência” as “lutas para modificar o equilíbrio de poder”. ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os... Op. cit.*, p. 37.

Dada a relação interdependente entre a constituição psicológica dos indivíduos e as características da sociedade em que vivem,<sup>12</sup> entende-se que a influência do jornal sobre a apresentação comportamental local significou uma consequente, e inevitável, interferência nos rumos da própria história local e regional. Sendo assim, esse estudo contribui para a biografia local, ao apresentar dados sociais e emocionais por vezes negligenciados na história oficial. Ao mesmo tempo, por utilizar o referencial teórico-metodológico de Norbert Elias para o estudo da história regional, acredita-se que este trabalho pode servir como caso exemplar para a elaboração de novas pesquisas adotando o percurso teórico-metodológico aqui utilizado, refutando ou avançando em relação às proposições apresentadas.

### **História dos processos de civilização a partir de fontes jornalísticas**

As relações interdependentes estabelecidas entre indivíduos e sociedade foram estudadas por Norbert Elias. Na concepção do autor, que desenvolveu a teoria dos processos civilizadores, existe uma relação de dependência mútua entre as mudanças na consciência e autocontrole dos indivíduos (psicogênese) e o desenvolvimento do Estado (sociogênese). Como as pressões externas em direção ao comportamento socialmente aceitável são individualizadas e transformadas em autocoação, o processo civilizador pode ser caracterizado como uma mudança na estrutura de personalidade dos indivíduos – na tendência atual caracterizada pela “pacificação das condutas e o controle dos afetos”.<sup>13</sup>

O abrandamento de manifestações comportamentais violentas faz parte de uma “transformação ‘civilizadora’ global”, que está relacionada ao “nível de formação do Estado, em especial o grau em que o Estado é capaz de conservar um monopólio efetivo sobre a utilização da força física”.<sup>14</sup> Enquanto uma instância que legisla sobre os limites comportamentais para diferentes esferas da vida e tendo ela a capacidade de punir aqueles que descumprem suas determinações, o Estado (e outras formas representativas de um poder centralizado no interior das formações sociais) tem exercido pressões externas que estimulam a pacificação e a resolução de conflitos sem o emprego da violência.

Na concepção de Elias, as sensibilidades – portanto, os padrões comportamentais socialmente aceitáveis – transformam-se continuamente.<sup>15</sup> Por essa razão, a teoria dos processos civilizadores permite estudar aspectos sociais e psicológicos que levaram o desenvolvimento local e regional em uma direção entre muitas possíveis. Para tanto, é fundamental considerar os conteúdos relativos ao fundo de conhecimento comum que cada

---

<sup>12</sup> Cf.: ELIAS, N. *O processo civilizador*. Vol. 1: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 2011; ELIAS, N. *O processo civilizador*. Vol. 2: Formação do Estado e civilização. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

<sup>13</sup> CHARTIER, R. Formação social de “habitus”: uma leitura de Norbert Elias. In: CHARTIER, R. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difusão, 1988, p. 94.

<sup>14</sup> DUNNING, E. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais da identidade masculina e suas transformações. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1985, p. 398, 393.

<sup>15</sup> ELIAS, N. *O processo civilizador... Op. cit.*, vol. 1, *passim*.

formação social possui. Segundo Elias, todas as sociedades têm um conjunto de saberes partilhado socialmente, construído ao longo de muitas gerações, que os indivíduos podem manter, ampliar ou reduzir.<sup>16</sup> Esse conjunto de conhecimentos direciona as experiências possíveis. Nesse sentido, aqueles que têm o poder de orientar seus conteúdos podem direcionar os processos mais conforme seus interesses e até mesmo alterar seu ritmo ou curso de desenvolvimento.

A aprendizagem de aspectos referentes a esse repertório de conhecimento coletivo se estende por toda a vida e ocorre por meio de diferentes instituições e interações sociais. Nessas relações, os indivíduos “aprendem a regular sua própria conduta linguística e, na verdade, seu próprio comportamento em geral”<sup>17</sup> – contribuindo para a submissão da vida instintiva ao rigor dos padrões sociais. Em meio as produções culturais que possuem importante papel no processo de educação das condutas destacam-se para esta problematização os artefatos midiáticos, dada sua capacidade de “criar territórios comunicacionais persuasivos”, utilizando de complexas tecnologias para “forjar sujeitos”.<sup>18</sup> Entre as tecnologias que atuam na constituição de padrões para a estruturação psicológica dos indivíduos, “mediando esse processo de constituição e de composição de subjetividades e identidades”, é possível destacar os jornais impressos.<sup>19</sup>

Os periódicos possuem um caráter pedagógico, que está presente desde a gênese da imprensa brasileira, em 1808.<sup>20</sup> Como seu surgimento no Brasil ocorreu em uma rede de interdependências que lhe era anterior, os jornais contribuíram para “marcar e ordenar uma cena pública que passava por transformações nas relações de poder”.<sup>21</sup> Seu potencial de geração/gestão de novos ordenamentos perpassa cada espaço, cada página, cada decisão editorial, já que a forma como apresenta uma “opinião pública” tem o potencial “transformar algumas demandas setoriais numa vontade geral”.<sup>22</sup>

Os periódicos e todas as seleções que fazem parte do seu processo de confecção apresentam uma realidade (já alcançada ou a alcançar) condizente com os limites de tolerância à violência da classe ali representada e acabam por direcionar processos em seu espaço de abrangência mais conforme suas sensibilidades: “Ao mediar a relação dos sujeitos com as transformações do seu cotidiano, produzem [...] sentidos para os processos históricos nos quais esses sujeitos estão inseridos, da mesma forma que participam da construção das próprias subjetividades”.<sup>23</sup>

---

<sup>16</sup> ELIAS, N. *Teoría del símbolo*. Um ensayo de antropologia cultural. Barcelona: Península, 1994, p. 152.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 97. Tradução nossa.

<sup>18</sup> ANDRADE, P. D.; COSTA, M. V. Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação. *Textura*, v. 17, n. 34, p. 48-63, maio-ago. 2015, p. 52.

<sup>19</sup> PRATES, C. J. *O Complexo W.I.T.C.H. acionando a magia para formar garotinhas nas redes do consumo*. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Luterana do Brasil, Canoas (RS), p. 111.

<sup>20</sup> BARBOSA, M. *História cultural da imprensa*. Brasil – 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

<sup>21</sup> MOREL, M. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, A. L.; LUCA, T. R. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 25.

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 33.

<sup>23</sup> BARBOSA, M. *História cultural... op. cit.*, p. 15.

Todavia, a concepção de que os jornais são um espaço de ensino é dissimulada por “convenções de veracidade”, que o fazem “acreditado como verídico por antecipação”.<sup>24</sup> Assim, o caráter pedagógico dos jornais frequentemente acaba sendo identificado apenas em espaços “próprios” à manifestação de opiniões. Em contraste aos ideais de objetividade, imparcialidade e neutralidade – bastante presentes nas décadas aqui estudadas<sup>25</sup> –, as crônicas são espaços que possibilitam a manifestação de opiniões explícitas sobre determinado tema, geralmente envolvendo a apreciação do cronista acerca de eventos rotineiros. “Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia”.<sup>26</sup>

Voltada aos leitores apressados, que ainda não desenvolveram o autocontrole necessário para a realização de leituras mais longas, as crônicas acabam por abordar temas correntes de maneira mais direta. O cronista, naquele espaço, se torna um observador do social:<sup>27</sup> de sua posição legitimada, interpreta o cotidiano e influencia o desenvolvimento social e emocional na formação social de abrangência de seus textos. Por meio de diferentes temáticas e estratégias argumentativas, as crônicas ensinam e estimulam a “adequação comportamental” às expectativas de seu escritor, da linha editorial do jornal e do grupo que representam.<sup>28</sup>

Sob ponto de vista das narrativas, entende-se que o conteúdo dessas publicações não são expressões ingênuas; trata-se de um “dispositivo argumentativo que visa seduzir e envolver o interlocutor, desvelando intencionalidades que lhe são implícitas”.<sup>29</sup> Nessa perspectiva se considera que a recepção é resultante de um processo de cocriação, já que a interpretação final é sempre do leitor:<sup>30</sup> “Ainda que o mando e a *competência* estejam com o sujeito que narra na maioria das vezes, há sempre uma contraforça de quem escuta”.<sup>31</sup> Todavia, é “importante considerar o conjunto dos condicionamentos que derivam [...] [de]

---

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 20.

<sup>25</sup> BARBOSA, M. Meio de comunicação e história: um universo de possíveis. In: RIBEIRO, A. P. G.; FERREIRA, L. M. A. *Mídia e memória*. A produção de sentidos nos meios de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

<sup>26</sup> CANDIDO, A. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, A. *et al.* *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP; Rio de Janeiro: Ed. UNICAMP; Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 13.

<sup>27</sup> SIEBERT, S. A crônica brasileira tecida pela história, pelo jornalismo e pela literatura. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão (SC), v. 14, n. 3, p. 675-685, set.-dez. 2014.

<sup>28</sup> A adequação comportamental se refere ao rápido controle comportamental mediante uma pressão externa inescapável. A transformação das coações externas em autocoação produz alterações na personalidade individual durante toda a vida, configurando o que Elias chamou de segunda natureza. Os itens dessas pressões sociais são decorrentes do fundo de conhecimento comum e dos *habitus* da formação social em questão. ELIAS, N. *O processo civilizador... Op. cit., passim*.

<sup>29</sup> MOTTA, L. G. *Análise crítica da narrativa*. Brasília: Ed. UnB, 2013, p. 7.

<sup>30</sup> Sobre a cocriação, Motta escreveu que o sentido “é sempre uma relação concretamente situada. Sujeitos, grupos e instituições narram ou interpretam desde lugares históricos, posições de poder onde um é narrador e o outro destinatário, posições que *per se* implicam já uma correção de forças. [...] Cada situação de comunicação implica uma correlação social e comunicativa própria, local, específica, empírica”. *Ibidem*, p. 19. Sobre a recepção por meio da leitura, cf.: CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Imprensa Oficial; Ed. UNESP, 1998.

<sup>31</sup> MOTTA, L. G. *Análise crítica da... Op. cit.*, p. 20.

códigos próprios à comunidade à qual pertence cada espectador ou cada leitor singular”.<sup>32</sup> Afinal, as relações de poder presentes no contexto socialmente partilhado entre escritores e leitores interferem no processo de recepção e, por vezes, acabam reificando o sentido de interpretação indicado no texto pelo autor.

Nesse sentido, é preciso considerar as motivações presentes nos atos de fala, sejam elas conscientes ou não. O desejo de quem escreve é ter reconhecida sua intenção de produzir determinada compreensão. Nas palavras de Motta, há a “Vontade de produzir o efeito pretendido e lograr através de estratégias discursivas que o ouvinte perceba a intenção de produzir esse mesmo efeito”. Assim, entende-se que a opção por abordar determinados assuntos na crônica tem relação com “uma intencionalidade (um efeito de sentido pretendido) que é transferida para o ato de fala narrativo e que interfere na conformação social da estória”.<sup>33</sup>

Isto posto, entende-se que os periódicos são espaços educativos. Sua principal contribuição nesse sentido está na publicação de sínteses comportamentais ou seja, narrativas de caráter pedagógico que apresentam de maneira concisa os saberes socialmente exigidos pelos dominantes nas relações de poder na formação social de abrangência do jornal. Ao incidirem diretamente sobre a apresentação comportamental de seus leitores, orientam o proceder, no lugar de aguardar que as próprias relações sociais requeiram novos saberes e comportamentos, acelerando a transmissão de conhecimentos – inclusive sobre a melhor forma de se apresentar nesta ou naquela situação.

Tais narrativas “refletem e condicionam nossas crenças e valores, nossa história e costumes, nossas leis e cultura”, pois “geram cognitivamente novos consensos, reintroduzindo a ordem onde a desordem ameaçava, tornando familiar o que antes não era familiar”.<sup>34</sup> Assim, a análise das narrativas de caráter pedagógico possibilita conhecer pressões exercidas cotidianamente sobre os indivíduos nas formações sociais de sua abrangência e permite observar não apenas o padrão de civilidade delimitado nos textos a partir das sensibilidades de seus autores (e do grupo por ele representado), como também as tensões inerentes ao processo de civilização das condutas.

Do ponto de vista metodológico, as proposições de Bardin embasaram a realização da análise de conteúdo temática das narrativas.<sup>35</sup> Por sua vez, as categorias emergentes permitiram conhecer as sensibilidades e as esferas da vida sobre as quais incidiam o projeto civilizador na cidade-empresa, bem como os processos de adequação comportamental e de resistência. A recorrente publicação sobre determinada temática foi tomada como indício de que naquela esfera da vida os comportamentos socialmente requisitados ainda não tinham sido internalizados; já referências isoladas ou o desaparecimento de certo assunto nas publicações foram entendidos como indicativos da individualização de tais normativas. De

---

<sup>32</sup> CHARTIER, R. *A aventura do livro... Op. cit.*, p. 19.

<sup>33</sup> MOTTA, L. G. *Análise crítica da... Op. cit.*, p. 38.

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 62, 56.

<sup>35</sup> BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.



maneira interdependente, a modificação no padrão dos conteúdos socializados por meio das crônicas aponta para transformações na composição psicogenética dos indivíduos na área de abrangência do jornal, no sentido da formação de uma segunda natureza.

## **Hellê Vellozo Fernandes nos campos e nos pinhais**

Para compreender melhor o processo de recepção das narrativas jornalísticas em Monte Alegre e seu potencial de transformação comportamental, faz-se necessária a historicização dos elementos biográficos da cronista e da cidade-empresa, uma vez que a posição ocupada pela cronista e as relações de poder na formação social estudada interferem diretamente na apreciação de seus escritos.

O interesse de Hellê Vellozo Fernandes pela escrita e pelo ensino veio do berço, uma vez que foi neta de Dario Vellozo e filha do professor Portho Moraes e de dona Prudência Moritz Vellozo, nomes destacados na capital paranaense pela atuação nas letras e no magistério.<sup>36</sup> Hellê se formou professora, cursou até o 3º ano de Química Industrial e, por volta dos 40 anos de idade (1965, provavelmente), ingressou na faculdade de jornalismo da Universidade Federal do Paraná, onde planejou e organizou a Assessoria de Imprensa da instituição, a qual dirigiu por três anos. No entanto, desde os 15 anos já se dedicava ao jornalismo, colaborando “nos mais importantes jornais e revistas do Paraná, bem como na imprensa de outros Estados. Foi durante quase sete anos cronista de ‘O Estado do Paraná’. Escreve há dez anos no ‘Diário do Paraná’, onde já foi redatora-social. (Diários Associados)”.<sup>37</sup>

No campo da literatura, teve três livros premiados com o 1º lugar em concursos do Centro de Letras do Paraná: *Incompreensão, Os Vergueiros e Pioneiros do Iguatemi* (publicado pela Universidade Federal do Paraná por ter sido considerado uma contribuição para o estudo da História). Publicou ainda *Camafeus, Nos Campos e Nos Pinhais, Antologia Didática de Escritores Paranaenses*, em parceria com América Sabóia, e *Monte Alegre, Cidade Papel*. Segundo Kolody, “Foi a única delegada brasileira a participar da fundação, no México, da Asociación Mundial de Mujeres Periodistas y Escritoras, em 1969, sendo uma das fundadoras e primeira presidente da AJEB, filial brasileira daquela entidade”.<sup>38</sup> Foi também representante do Brasil nas três primeiras reuniões da instituição, chefiando a delegação brasileira de mulheres jornalistas e escritoras, além de ter integrado inúmeros centros de literatura, inclusive fora do Paraná, a exemplo da Casa Juvenal Galeno de Fortaleza.

A relação de Hellê Vellozo Fernandes com Monte Alegre iniciou em 1945, quando aos vinte anos e recém-casada com o médico Paulo Rios Fernandes, mudou-se da capital para os

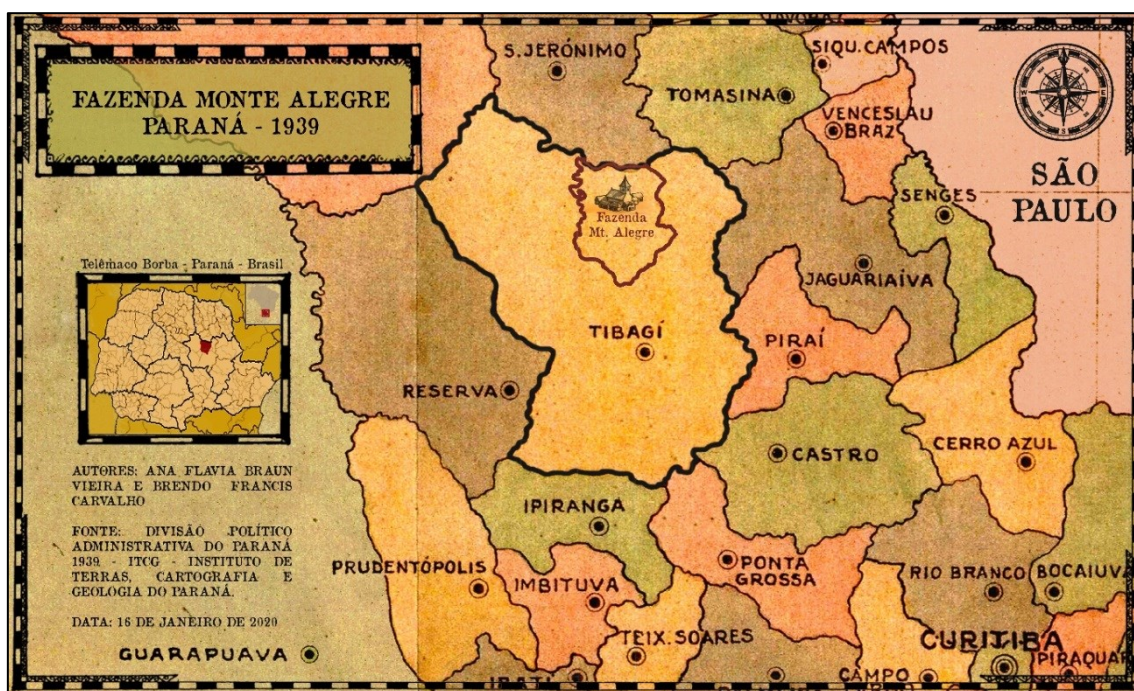
<sup>36</sup> PILOTO, V. [Sem Título]. In: HÉL. *Pioneiros do Iguatemi*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1966, s./p.

<sup>37</sup> KOLODY, H. Escreveu Helen Kolodya... *Op. cit.*, s/p.

<sup>38</sup> *Idem*.

“sertões do Tibagi”, levados pela “energia de sua juventude e o fervor de seu idealismo”.<sup>39</sup> Acerca das principais características da “cidade-empresa” neste período, Piquet escreveu: “o controle da fábrica e da vila pertencia ao mesmo agente social, [e] a vida operária nessas vilas era um prolongamento da rígida disciplina imposta pelo regime de trabalho fabril”.<sup>40</sup> Para Piquet, a proximidade entre local de produção fabril e de residência dos operários respondia aos interesses da acumulação, garantindo “Um mercado cativo de mão-de-obra; [e] [...] um controle ampliado do capital sobre sua força de trabalho, através da dominação ideológica e política”.<sup>41</sup>

**Figura 1** – Localização da Fazenda Monte Alegre no mapa do Paraná, 1939.



Fonte: VIEIRA, A. F. B.; CARVALHO, B. F.; Fazenda Monte Alegre Paraná - 1939 (mapa). In: VIEIRA, A. F. B. *Jornalismo e a duração dos processos civilizadores: análise da adequação comportamental e da formação de uma segunda natureza em Monte Alegre – PR (1942-1964)*. 2020. Tese (Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa (PR), p. 217.

As relações de interdependência entre empregadores, que ofereciam praticamente todos os serviços, e os trabalhadores, que possuíam apenas sua força de trabalho, legitimavam o controle e estimulavam a transformação comportamental. Nesta “atmosfera semifeudal”, diferentes monopólios eram exercidos pela empresa, como o monopólio

<sup>39</sup> KOLODY, H. Escreveu Helen Kolodya... *Op. cit.*, s/p.

<sup>40</sup> PIQUET, R. *Cidade-empresa...* *Op. cit.*, p. 22. São exemplos de “cidades-empresas” desenvolvidas no Brasil: Volta Redonda, Ouro Branco e Aracruz, segundo Piquet.

<sup>41</sup> *Ibidem*, p. 23.

econômico, dos serviços essenciais, do espaço, da violência e da informação<sup>42</sup>. Esses aspectos de controle foram, em alguma medida, vivenciados por Hellê Vellozo Fernandes. No entanto, pela origem da professora-jornalista, ela encontrava-se mais próxima aos padrões comportamentais requisitados pelos indivíduos de nível superior na cidade-empresa e utilizou de seu espaço no jornal para escrever acerca das condutas entendidas como necessárias às interdependências locais.

Como a maioria dos residentes de Monte Alegre tinha origem rural ou era oriunda de núcleos populacionais menores, seus comportamentos eram correspondentes às relações de dependência de seu local de origem.<sup>43</sup> No entanto, tais condutas não necessariamente condiziam às necessidades da produção, nem eram compatíveis com as sensibilidades da classe dominante local.<sup>44</sup> Nesse sentido, as narrativas publicadas no jornal na empresa cumpriam um papel ordenador ao orientar os limites comportamentais socialmente desejáveis naquela formação social. Nesse sentido, as crônicas de Hellê Vellozo Fernandes eram mais um espaço a partir do qual os indivíduos poderiam tomar conhecimento do mundo e orientar suas ações em sociedade.

As atividades realizadas pela cronista, principalmente as desenvolvidas em Monte Alegre, demonstram uma mulher que, pelas figurações em que circulou, atingiu grande prestígio – especialmente nos campos literário e jornalístico. Desde a fundação do jornal da empresa, sob o título de *O Tibagi*, em 1948, atuou como redatora social e na página sob sua coordenação foram variados os conteúdos, com alguns constantes: espaço para publicação das atividades sociais, como aniversários, casamentos, batizados e festas nos clubes locais, e o “Comentário da Semana”. Neste espaço exclusivo, de periodicidade semanal, Hellê Vellozo Fernandes narrou para a população um padrão específico de informações, direcionando, no contato dialógico característico da crônica, a recepção de seus conteúdos.

Apesar do elevado índice de alfabetização local, 70% segundo Willer;<sup>45</sup> é importante ressaltar que havia diferentes formas de recepção, que variavam conforme o grupo ao qual o leitor pertencia. No entanto, como o acesso aos meios de comunicação eram limitados em Monte Alegre, a exclusividade na enunciação contribuiu para que a população tivesse acesso a um padrão específico de informações, determinado pela linha editorial do jornal. O estímulo à determinada esfera da vida por meio dos temas abordados pela imprensa local, em detrimento de outras, contribuiu para a educação das condutas e para os rumos da história local e regional.

---

<sup>42</sup> A expressão “atmosfera semifeudal” é utilizada em: PASSOS, J. *O Brasil em movimento*. São Paulo: Saraiva, 2013, p. 143. Sobre os diferentes monopólios, cf.: VIEIRA, A. F. B. *Jornalismo e a duração... Op. cit.*, p. 102.

<sup>43</sup> Sobre a origem dos residentes de Monte Alegre, ver: FERNANDES, H. V. *Monte Alegre... Op. cit.*, *passim*.

<sup>44</sup> Em relação aos trabalhadores qualificados (técnicos, graduados e chefes) é importante destacar que estes tinham origem europeia ou vinham figurações maiores, ou seja, eram oriundos de patamares civilizatórios mais avançados em relação a Monte Alegre.

<sup>45</sup> WILLER, M. R. *Harmonia... Op. cit.*, p. 195.

Essa função mediadora de *O Tibagi* em Monte Alegre foi diversas vezes reiterada por Hellê Vellozo Fernandes. Para a cronista, o jornal *O Tibagi* tinha a função de “porta voz da cidade-papel”, sendo um “documentário fiel de sua vida e registrador de sua história”.<sup>46</sup> Inclusive, foi a legitimidade desta posição que lhe autorizou a versar, entre outras temáticas, sobre o cotidiano em Monte Alegre e ensinar sobre comportamentos desejáveis na cidade-empresa.

**Tabela 1** – Representatividade de Hól e narrativas de caráter pedagógico em *O Tibagi*, 1948-1964.

Ano	Total de Publicações	Publicações sobre M.A.	Caráter Pedagógico Explícito
1948	2	2	0
1949	4	0	0
1950	12	1	1
1951	32	3	1
1952	42	15	11
1953	24	9	6
1954	31	19	8
1955	35	24	9
1956	37	21	7
1957	50	23	10
1958	39	16	3
1959	32	11	8
1960	44	16	8
1961	38	27	8
1962	42	10	6
1963	39	15	2
1964	6	2	1

Fonte: *O Tibagi*, Telêmaco Borba (PR), 1948-1964. Elaborado pelos autores.

Sobre as temáticas abordadas, até 1952 suas narrativas estavam relacionadas ao universo da literatura. A partir deste ano, os temas tornam-se mais diversificados, incluindo relatos de viagem e escritos sobre o ensino. Como é possível observar na tabela, a intensidade de aparição das narrativas sobre Monte Alegre com caráter pedagógico explícito não foi constante nas crônicas – estando estas oscilações relacionadas a uma série de fatores, especialmente aquelas ligadas à vida pessoal da autora, como o nascimento dos filhos e outras atividades por ela realizadas.

Em relação ao caráter pedagógico de seus escritos, mesmo em suas publicações iniciais já existia um intento civilizatório: suas narrativas possuíam tom pedagógico – a exemplo das

<sup>46</sup> Respectivamente, *O Tibagi*, Telêmaco Borba (PR), 4 de fev. 1954, p. 2; e, 23 nov. 1956, p. 2.

crônicas “Livros para moças” e “Livros para crianças”, onde deu orientações acerca das leituras que, em sua concepção, eram mais apropriadas para cada situação. Na intenção de promover mudanças, de ensinar comportamentos mais compatíveis com sua sensibilidade, adotou estratégias diversas: a) mencionar, entre outros assuntos, uma determinada pauta para trazê-la para o debate público; b) fazer comparações entre um padrão considerado pela cronista como ideal e aquele que precisa adequar-se; c) sanções pedagógicas explícitas.

## **A diferença entre nós e eles: esforços civilizadores x práticas de resistência**

Diante da impossibilidade de problematizar todas as esferas da vida sobre as quais as narrativas de caráter pedagógico de autoria de Hellê Vellozo Fernandes incidiram, optou-se pela problematização de duas categorias que se destacaram entre os escritos da cronista. Assim, para compreender melhor aspectos do processo de civilização em Monte Alegre, foram analisadas as categorias “comportamentos coletivos” e “práticas de resistência”. Como não existe civilização sem tensão, escolheu-se por apresentar os resultados e as discussões de maneira conjunta.

A diferença entre “nós” e “eles” em Hellê Vellozo Fernandes aparecia com maior frequência nas crônicas que abordavam assuntos relacionados aos moradores dos acampamentos (lenhadores e plantadores de pinho e suas famílias). As condutas apontadas e, muitas vezes, execradas pela cronista sinalizavam para todos os grupos de leitores do jornal em qual direção deveriam orientar seus comportamentos para serem socialmente aceitos na cidade-empresa. Apesar do elevado índice de pessoas alfabetizadas nas figurações urbanas de Monte Alegre, o percentual de leitura entre os residentes dos pinhais era baixo.<sup>47</sup> Isto posto, entende-se que o teor pedagógico das crônicas não era, necessariamente, direcionado para o público tema da publicação. Antes, serviam como exemplos (negativos ou positivos) para estimular mudanças de condutas entre os leitores do bairro residencial da fábrica. Nesse contexto, a mesma narrativa acabava desempenhando funções específicas para os diferentes grupos no interior da cidade-empresa:

Para a camada superior, formada pelos técnicos, graduados e chefes e suas famílias, o teor educativo das crônicas, especialmente aquelas que versaram sobre comportamentos dissonantes dos seus, contribuía para o processo de diferenciação (reforçar/elevar um comportamento e reificar sua posição nas relações de poder). Para a camada inferior, formada majoritariamente pelos trabalhadores do mato e suas famílias, quando tinham acesso às narrativas, servia como pressão externa e fonte de informações elementares sobre as condutas desejáveis, visando para possíveis transformações ainda que futuras. Já as camadas

---

<sup>47</sup> Inferência a partir dos escritos de Hél sobre os moradores dos acampamentos.

médias, ou “camadas de duas frentes”,<sup>48</sup> estas eram as mais afetadas pelas sanções pedagógicas da crônica de Hellê Vellozo Fernandes, uma vez que estabeleciam relações de interdependências muito mais estreitas com a camada superior. Assim, deveriam saber como agir de acordo com a expectativa de seus interlocutores em cada ocasião, sob risco de perder prestígio social – ou, no pior cenário, o emprego, o local de residência e o direito de permanecer em Monte Alegre.<sup>49</sup>

Segundo Elias, as camadas de duas frentes, “encontram-se submetidas, com frequência por longos períodos, a coerções particularmente opressivas, sobretudo autocoerções civilizadoras, justamente por viverem sob a pressão de tensões permanentes e conflitos constantes em duas frentes”.<sup>50</sup> Vinda de cima, existe a pressão dos grupos que possuem maior poder, prestígio e autoridade; e de baixo, a pressão de grupos em posição inferior, mas que mesmo assim têm um “papel preponderante como fator de poder na rede de interdependências da sociedade”.<sup>51</sup> Nesta situação, a forma como essas coerções são interiorizadas ocorre com base em maiores chances de poder e o medo da perda de prestígio estimula a adequação comportamental.

A referência recorrente das crônicas às transformações comportamentais dos residentes nos acampamentos, além de servir para marcar os padrões de conduta em Monte Alegre, atendia a uma necessidade específica daquela formação social: como a filantropia voltada aos moradores dos acampamentos era incentivada como uma prática a ser adotada entre os membros das classes superiores, falar sobre o progresso das criancinhas, das mulheres que se tornaram limpas e dos homens menos étlicos era uma forma de prestar contas aos benfeitores e reificar as práticas de caridade. Por sua vez, as esparsas – porém presentes – menções às práticas de resistência (que poderiam ameaçar o ordenamento social local diante a emergência de discursos divergentes às narrativas dominantes) serviram como justificativas às possíveis cobranças feitas pelo grupo de filantropos. Ainda sobre este aspecto, é importante lembrar que Hellê Vellozo Fernandes contribuía pessoalmente com o serviço de Assistência Social local, visitando os ranchos e distribuindo ajudatórios. Nesses momentos aproveitava para ensinar os comportamentos que também estimulava por meio das crônicas, ao mesmo tempo em que colhia conteúdo para novos escritos.

A tônica geral das publicações indica que Hél entendia que até mesmo pessoas ignorantes, como os residentes de figurações de caráter mais rural e com demonstrações afetivas demasiadamente excitadas para seu gosto, poderiam instruir-se por meio da educação. Por vezes escreveu, mostrando-se orgulhosa, sobre as mães que durante suas visitas ostentavam as crianças limpas e penteadas. Diante das práticas de resistência (confrontação a uma exigência comportamental), a posição da autora não era embativa, até porque nas relações de poder encontrava-se em uma posição elevada demais para tal. Em

<sup>48</sup> ELIAS, N. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 262.

<sup>49</sup> WILLER, M. R. *Harmonia... Op. cit.*, p. 155.

<sup>50</sup> ELIAS, N. *A sociedade de corte... op. cit.*, p. 262.

<sup>51</sup> ELIAS, N. *Norbert Elias por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 262.

conformidade com seu nível de autocontrole, dizia apenas: “a ignorância alheia deixa a gente triste”.<sup>52</sup>

Os contrastes comportamentais entre as diferentes camadas de trabalhadores em Monte Alegre foram explorados em diversas passagens, no entanto, em 11 crônicas estas foram o assunto central. Assuntos como educação e saúde foram bastante frequentes nas crônicas de Hellê Vellozo Fernandes. Em 1957, apresentou elementos da transformação das sensibilidades das gentes do mato em relação à escolarização e à vacinação. Nas primeiras crônicas sobre a temática, Hél versou sobre a incompreensão de muitos trabalhadores de acampamentos diante o assunto. Depois se demonstrou admirada com a insistência dos progenitores pedindo escola e vacina para as crianças: “Já se foi o tempo em que o homem simples do corte de lenha ou da plantação era indiferente à instrução da prole ou de qualquer beneficência médica”.<sup>53</sup> Além de indicar mudanças na conduta dos familiares em relação à saúde e a educação das crianças, aponta para a intencionalidade de sua narrativa: demarcar um patamar socialmente aceitável para o trato com tais questões, afinal, aqueles contrários à educação e à vacinação eram considerados “atrasados”.<sup>54</sup> A comparação implícita entre “nós” e “eles” visava mobilizar a adequação comportamental, uma vez que direcionava as condutas no sentido de maiores chances de sucesso social. No caso da formação social de Monte Alegre, a possibilidade de sucesso perpassava a formação, mesmo que elementar, para a futura atuação na empresa.

Como os habitantes dos acampamentos vivam distantes das figurações urbanas de Monte Alegre, acredita-se que a eficácia dos monopólios exercidos sobre eles pela indústria era reduzida. No entanto, as coerções que sofriam não eram, necessariamente, menores; apenas ocorriam de maneiras variadas sobre diferentes aspectos da vida. A crônica *Pelos Acampamentos* demonstrou algumas das pressões externas que contribuíram para as transformações comportamentais aceleradas apontadas pela autora.

As vacinas, por exemplo, eram administradas no dia do pagamento, que também era dia da distribuição de donativos pelas mãos de Hellê Vellozo Fernandes, representante da assistência social. Segundo a cronista, enquanto o responsável pelo pagamento dos salários fazia seu trabalho, as “mensageiras que somos do Lions, da Assistência ou de amigos, que sempre têm o que dividir com os menos favorecidos” iam realizando visitas de rancho em rancho.<sup>55</sup> A dependência daquelas pessoas ao poder que Hellê Vellozo Fernandes e o guarda-mór (responsável pelos ordenados) representava, contribuía para a adequação comportamental – pelo menos nos dias em que as cobranças externas eram maiores.

<sup>52</sup> *O Tibagi*, Telêmaco Borba (PR), 13 out. 1960, p. 2.

<sup>53</sup> *O Tibagi*, Telêmaco Borba (PR), 11 set. 1957, p. 2.

<sup>54</sup> Expressão adotada por Hél em referência às mudanças de sensibilidade em relação à vacina: até mesmo entre aquela gente humilde haviam os que, com voz de autoridade [sic], protestava contra as mães que tinham medo de dar vacina aos filhos. O que até então era “um esforço inaudito” passou a representar “um passo além da palavra ‘atrasado’”. *O Tibagi*, Telêmaco Borba (PR), 11 set. 1957, p. 2.

<sup>55</sup> *O Tibagi*, Telêmaco Borba (PR), 5 set. 1957, p. 2.

Vida de regra, no primeiro encontro, as crianças têm os rostos e as mãozinhas sujas; o couro cabeludo está revestido de grossa camada de carepa; os cabelos empastados, denunciando a falta de banho. Uma mãe de vestido limpo, com um bebê envolvido em panos limpos é motivo de rara alegria. Então nos dispomos a tarefa desagradável de entrar no assunto de higiene e asseio, de alimentação e vestiário, procurando inculcir novas ideias a nossa gente do mato. [...] Prometemos voltar e voltamos! Então, nossas conhecidas vêm rodear-nos, com as crianças de cabelos a escorrer água, ainda marcados pelos dentes dos pentes.<sup>56</sup>

As fontes não permitem afirmar se a apresentação de uma conduta mais de acordo com a expectativa de Hél ocorria apenas nos dias de pagamento ou se havia se tornado prática recorrente, componente de uma segunda natureza. Independente da frequência, a adequação comportamental, mesmo que em datas específicas, contribui para o desenvolvimento da capacidade de prospecção, elemento característico do processo civilizador. Subordinando “a satisfação das necessidades presentes às satisfações esperadas no futuro”, como a possibilidade de receber roupas e alimentos da Assistência Social, as mulheres mudaram suas condutas ao menos na esfera da higiene.<sup>57</sup>

De maneira análoga a um indivíduo que acabou de receber um título de nobreza na corte francesa e que precisava imediatamente conter suas paixões ao preço de tomar partido naquela formação social e tudo que ela representava,<sup>58</sup> para permanecer em Monte Alegre e receber possíveis beneficências era preciso um cuidado maior com a aparência da casa e dos filhos. Com o tempo, as pequenas pressões cotidianas sofridas no interior das redes de interdependência foram sendo internalizadas, passando a compor naqueles trabalhadores do mato e seus familiares uma segunda natureza. Sobre o processo de assimilação das pressões externas, Elias escreveu:

a capacidade de controle e de autocontrole conscientes desenvolve-se em sociedades cuja estrutura específica exige uma dissimulação relativamente permanente e eficaz dos impulsos emocionais momentâneos, como meio de sobrevivência e êxito social, como característica integrante da estrutura da personalidade. Quando um cortesão, já adulto, olha-se no espelho, descobre que aquelas feições desenvolvidas por ele a princípio como uma dissimulação consciente tornaram-se parte integrante de seu próprio rosto.<sup>59</sup>

No entanto, esse processo de individualização de pressões externas não ocorre sem tensões. Apesar da referência da autora à célere transformação comportamental dos residentes dos acampamentos, as resistências se fizeram presentes e foram narradas nas crônicas de Hellê Vellozo Fernandes como exemplo de má conduta:

Limpa com a mão o nariz, cospe ao lado o cigarro e ri da nossa oferta.  
O riso transforma-se em gargalhada se falamos em ajuda! E a gargalhada mistura-se à desculpa e à zombaria:  
- Pois eu tenho que deixar meu serviço da casa pra cuidar de criança, é? Ah ah ah... Vou cuidar todo o dia do bichinho, é? Ah, ah, ah!  
E elucidou-nos:

<sup>56</sup> O *Tibagi*, Telêmaco Borba (PR), 5 set. 1957, p. 2.

<sup>57</sup> ELIAS, N. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 116.

<sup>58</sup> ELIAS, N. *A sociedade de corte...* Op. cit., p. 85.

<sup>59</sup> *Ibidem*, p. 242.



- As sras. não vêm que criança não para e que o rancho não tem soalho? Que é tudo terra e a terra é suja?  
Passa a mãos sujas pela boca, desliza os dedos pelo vestido que perdeu a cor, aponta-nos com a unha preta e, triunfante, procura atingir-nos mais profundamente.
- As sras. ganham muito dinheiro da Companhia para vir até aqui com essa história de lavar criança e de água que não custa nada. Ganham muito... Mas pra que lavar se suja outra vez?.<sup>60</sup>

Desistem dessa mulher, “Ela não entenderia algo como a solidariedade humana”.<sup>61</sup> Todavia, seu exemplo serviu para demonstrar aos leitores um tipo de sensibilidade que não era compatível às expectativas dos representantes da “Companhia”. A falta de higiene apresentada como um comportamento reprovável marca aquilo que é considerado “atrasado”, ao mesmo tempo em que estimula e reforça o desejo de transformação pela distinção.

Em 1961, outra prática de resistência às ações civilizatórias foi abordada. Na crônica “Dia de folga e outros dias”, a autora narrou o episódio em que foram “muito felizes” distribuir sabonetes às crianças do mato. No entanto, segundo é possível inferir a partir de sua descrição, a cena que presenciaram lhes feriu a subjetividade, tornando-os “tristes pela ignorância alheia”:

- Uma cabocla de saias em trapos, blusa aberta de rasgões, cabelos desgrenhados e ar feroz, ao ver o conteúdo do pacotinho que seu garoto ganha, investe contra nós:  
- Ocha, dona, esse negócio de falar em tomar banho não é de valia alguma por aqui. A sr<sup>a</sup> guarde seu sabonete, que gente pobre não tem tempo de cuidar das crianças e viver de vassoura em punho. Essa história de lavar aqui, lavar ali é pra gente rica, entendeu?<sup>62</sup>

Por mais que diferentes formas de coerção atuassem cotidianamente sobre os indivíduos, havia aqueles que, a depender da esfera da vida, não internalizavam determinadas normativas de caráter civilizatório. A citação evidencia parte das tensões do desenvolvimento de Monte Alegre e em muito se assemelha à crônica de 05 de setembro de 1957. Em ambos os casos, a hierarquia entre ricos e pobres e as diferentes sensibilidades em relação às práticas de higiene foram evidenciadas, servindo aos leitores como exemplos de má conduta. E mais: ao reprovar o comportamento resistente de uma cabocla e de uma preta (expressões utilizadas pela autora), não apenas marcou os comportamentos desejáveis para o campo e para a cidade, mas também apontou para um possível caráter étnico das práticas reprováveis. Essa argumentação pode ter contribuído para o desejo de distinção, especialmente porque muitos dos moradores das figurações urbanas de Monte Alegre e que tinham acesso às narrativas de Hél eram descendentes de imigrantes europeus.<sup>63</sup>

Segundo a cronista, a falta de higiene da gente dos pinhais advinha do fato de que as mulheres, que haviam se tornado mães, foram criadas no meio do mato, “nunca tiveram escola ou guia” e pouco entendiam daquilo que lhes era explicado. Em sua concepção, as

<sup>60</sup> *O Tibagi*, Telêmaco Borba (PR), 5 set. 1957, p. 2.

<sup>61</sup> *Idem*.

<sup>62</sup> *O Tibagi*, Telêmaco Borba (PR), 17 ago. 1961, p. 2.

<sup>63</sup> CORAIOLA, A. M. *Capital do Papel*. A história do município de Telêmaco Borba. Curitiba: A. M. S. Coraiola, 2003.

ações da assistência muito contribuíam, mas não poderiam “operar milagres” naqueles que há quarenta anos agiam da mesma forma e não haviam adquirido “recursos para que pudesse melhorar de padrão de vida”. Restava, então, instruir-lhes os filhos: “A escola, por mais modesta que seja, dará a essas crianças outra linha de conduta; [...] prepará-las-á para uma vida melhor”.<sup>64</sup> Conforme Hél indica, a educação das novas gerações fazia parte das intencionalidades do grupo dominante para a civilização de Monte Alegre. A possibilidade de influenciar nas aprendizagens sociais, desde a infância, por meio da escola, contribuía à formação de indivíduos mais autodisciplinados – em comparação aos pais – e, ao mesmo tempo, representava um investimento da empresa na formação de seus futuros empregados.

Figura ainda entre as crônicas duas que versam sobre o potencial transformador de condutas que Monte Alegre tinha. Em “O Filho de Mahá”, de 1961, Hellê Vellozo Fernandes apresentou a história de um caingangue de “moral duvidosa”, que vivia nos arredores da Fazenda, e seu filho Poveinã, de 16 anos e já “Degenerado como pai”.<sup>65</sup> A necessidade de cuidados médicos para o jovem, em ocasião de uma enfermidade nos pulmões, os fez procurar por assistência na cidade-empresa. Assegurado o tratamento, Mahá deixou seu filho sozinho no hospital, obrigando-o a vencer seus próprios medos:

Sentia-se como animal indefeso, olhando medrosamente em torno de si, como se cada pessoa ao seu redor fosse ataca-lo. [...] encolheu-se num canto, de cócoras. Não sabia equilibrar-se na cama alta e foi preciso colocarem um colchão no chão, para ele se deitar.

Os outros doentes primeiro riram; depois, com pena, cuidaram dele. Ensinaram-lhe a falar, a comer com talheres, a vestir o pijama e a usar o banheiro.<sup>66</sup>

Nos oito meses em que permaneceu no hospital de uma das figurações urbanas de Monte Alegre demonstrou imensa facilidade para aprender. Passou a apresentar-se de “cabelo lavado, roupa limpa e penteado”, de forma que seu pai não o reconheceu quando foi busca-lo. Na hora de ir embora, Poveinã hesitou, mas seguiu o progenitor, demonstrando que, mesmo havendo uma série de pressões pontuais que contribuem para a adequação das condutas, existem determinados comportamentos, mais ou menos enraizados, que, por vezes, se sobressaem aos intentos civilizatórios do grupo dominante nas relações de poder.

Por fim, resta falar sobre Carolina, a personagem central da crônica “Nos Campos e nos Pinhais”, também publicada em 1961. Nesta narrativa, Hél contou a história de uma moça que nasceu no mato e que foi trabalhar na cidade, em casa de família. Em ocasião do emprego, passou a vestir-se bem com o que ganhava de suas patroas. Foi por essa razão que Hellê Vellozo Fernandes mal pode a reconhecer naquela “mulher desleixada de acampamento”, com uma criança de feições de macaco no colo. Carolina tentou se justificar em relação à doença da filha, afinal, não era tola; “Está embrutecida pelo sofrimento, pela miséria, mas aceita francamente ir tratar a criança em Pinheiral”, mesmo com o marido contrariado.<sup>67</sup>

<sup>64</sup> *O Tibagi*, Telêmaco Borba (PR), 9 abr. 1959, p. 2.

<sup>65</sup> *O Tibagi*, Telêmaco Borba (PR), 15 jun. 1961, p. 2.

<sup>66</sup> *Idem*.

<sup>67</sup> *O Tibagi*, Telêmaco Borba (PR), 9 nov. 1961, p. 2.

Em dois meses no hospital em uma das figurações urbanas da cidade-empresa, a criança de dois anos era “um pequeno milagre”: estava nutrida e havia perdido o ar de “animal doente”, já caminhava e ensaiava a primeiras palavras. O problema era: Carolina queria ir embora antes da conclusão do tratamento da filha, uma vez que o esposo estava questionando sua ausência. A cronista tentou convencê-la a permanecer no hospital por mais uns dias e a moça assentiu. Todavia, na manhã seguinte, a mãe havia fugido levando a criança. “O marido achara que não valia a pena esperar, só por causa de uma criança...”.<sup>68</sup> Nesta narrativa a autora evidencia a força das relações sociais na orientação das condutas. Enquanto esteve na cidade, sob a influência – inclusive estética – de suas patroas e de outros indivíduos em constante supervisão, “era mocinha toda prosa, penteada, pintada, amiga dos nossos cremes e dos nossos perfumes”.<sup>69</sup> Após casar com um lenhador, foi morar num acampamento onde as pressões externas eram menores (exceto no dia de festa, santo ou de pagamento), reduzindo assim a cobrança de si.

Tanto a história de Poveinã como a de Carolina demonstram a funcionalidade das pressões externas no processo de adequação de sensibilidades. Conforme postulou Elias, até a dissimulação comportamental tornar-se parte da “segunda natureza” do indivíduo, são necessárias restrições impostas pelas relações de interdependência: “Grupos humanos que talvez ainda não estejam em condições de controlar bem suas pulsões e afetos, mediante suas próprias forças” precisam ter suas “faculdades de autodisciplina” reforçadas.<sup>70</sup> Ao distanciarem-se das figurações urbanas, onde as relações de interdependência eram mais estreitas, foram relaxando o comportamento, agindo de forma discrepante às pressões civilizatórias urbanas que lhes vinham coagindo as ações.

No caso aqui estudado, é importante destacar que em Monte Alegre as ações educativas por meio do jornal *O Tibagi* não visaram modificar a balança de poder, apenas “melhorar” o comportamento daqueles que estavam em contato direto com o grupo dominante – já que parcela das atitudes das demais classes lhes feria a sensibilidade. Ao mesmo tempo, perspectivando o processo de civilização das condutas na cidade-empresa em relação ao contexto mais amplo, entende-se que tais ações serviram também para adequar os trabalhadores às demandas nacionais, tornando a “cidade da Klabin” exemplar para o Brasil.<sup>71</sup>

Sobre as práticas de resistência, dois elementos precisam ainda ser problematizados. Estas foram publicadas nos jornais por se referirem às tensões de indivíduos que, por residirem nos acampamentos, possuíam redes de interdependência mais alargadas, razão que tornava suas condutas excitadas toleráveis – especialmente por ocorrerem longe das vistas das classes dominantes. No caso os operários da fábrica e suas famílias, pela posição social ocupada na formação social de Monte Alegre, as paixões deveriam ser refreadas e orientadas, preferencialmente, no sentido das relações de poder. Para essas camadas médias, as

<sup>68</sup> *O Tibagi*, Telêmaco Borba (PR), 9 nov. 1961, p. 2.

<sup>69</sup> *Idem*.

<sup>70</sup> ELIAS, N. *Sobre o tempo... Op. cit.*, p. 24.

<sup>71</sup> CORAIOLA, A. M. *Capital do Papel... Op. cit.*, p. 97.

narrativas que abordaram as más condutas (ou a transformação comportamental) dos residentes nos pinhais eram elementos de pressão, pois ao apontar atitudes condenáveis/louváveis, estabelecia um padrão para as ações e manifestações sociais e emocionais desejáveis, forçando-os à mudança. Tais narrativas, que representam apenas uma esfera pedagógico-civilizatória dentro dos diferentes monopólios exercidos pelos industriais no interior da cidade-empresa, contribuíram, inicialmente, para a adequação comportamental e, com o tempo, para a formação de uma segunda natureza.

Por fim, por mais que a Klabin tenha tentado inscrever-se na História como “mais que uma empresa, uma família; mais do que uma família, uma causa. A causa do progresso, com justiça, de nossa Pátria”,<sup>72</sup> suavizando os embates civilizatórios que fizeram parte da transformação da paisagem e dos trabalhadores rurais em urbano-industriais, acredita-se que as práticas de resistência aos intentos civilizatórios em Monte Alegre tenham sido mais frequentes do que as narrativas analisadas revelaram. A manifestação de discursos dissonantes às intencionalidades do grupo dominante para o desenvolvimento da cidade-empresa poderia representar um reequilíbrio nas relações de poder, tendo sido, por essa razão, temática de apenas duas das crônicas de Hellê Vellozo Fernandes.

## Considerações finais

O processo civilizador pode ser definido como um processo “rumo à auto-regulação mediante o aprendizado pessoal dos controles dos afetos e das pulsões, no sentido de um modelo de civilização específico da sociedade, afim de que possam conviver consigo mesmo e com os outros seres humanos”.<sup>73</sup> Segundo Elias, em estágios iniciais de desenvolvimento os indivíduos necessitam de apoio e reforço contínuo, exercidos por meio de diferentes formas de coações externas.<sup>74</sup>

No caso da história de Telêmaco Borba, ao observar um recorte de 16 anos de seu desenvolvimento, que compreende uma parcela de um processo civilizador maior, foi possível observar que as pressões exercidas sobre os residentes da cidade-empresa de Monte Alegre, entre os anos de 1948 e 1964, ocorreriam por meio de uma série de monopólios e eram reforçadas por meio da publicação de narrativas de caráter pedagógico no jornal *O Tibagi*. A opção por trazer ao debate público determinado assunto, a realização de comparações entre um padrão considerado ideal e aquele que necessitava se adequar e/ou a manifestação de sansões pedagógicas explícitas exerciam cotidianamente sobre os leitores, e a comunidade em geral, uma série de pressões, que lhes requisitava a adequação comportamental, e posterior desenvolvimento de uma segunda natureza, na direção das narrativas.

<sup>72</sup> *Apud*: FERNANDES, H. V. *Monte Alegre... Op. cit.*, p. 220.

<sup>73</sup> ELIAS, N. *Escritos & Ensaios... Op. cit.*, p. 21.

<sup>74</sup> *Idem*.

Os dominantes nas relações de poder, no lugar de aguardar que processo de civilização dos moradores de Monte Alegre ocorresse em seu ritmo, conforme as redes de interdependência fossem se estreitando e exigindo condutas condizentes, utilizaram do espaço do jornal para acelerar o processo de desenvolvimento local, a partir da publicação de narrativas direcionadas cuja intencionalidade era a transformação psicogenética da população. O caráter educativo era presente em *O Tibagi* como um todo, entretanto, as crônicas de Hellê Vellozo Fernandes foram um local privilegiado para o ensino dessas sínteses comportamentais. Pelas características biográficas da autora e pelo grupo ao qual pertencia, possuía discurso autorizado para cobrar dos leitores manifestações mais adequadas às sensibilidades dos dominantes nas relações de poder.

Ao versar sobre o comportamento socialmente desejável para Monte Alegre, Hél estabeleceu um padrão que exerceu pressão sobre sua própria classe – no sentido de reforçar/elevar comportamentos e reificar sua posição nas relações de poder. Simultaneamente, coagiu a modulação comportamental e o desenvolvimento de uma segunda natureza nas camadas médias, formada pelos operários e suas famílias, que almejavam melhores posições nas interdependências locais, ao mesmo tempo em que tinham o posto já conquistado ameaçado pelas classes inferiores. A recorrente referência de Hellê Vellozo Fernandes às céleres transformações comportamentais experimentadas pelos residentes dos acampamentos serviu, principalmente, como um instrumento de pressão à camada de duas frentes.

As mudanças apresentadas por Hél em relação aos comportamentos que eram dissonantes demonstra a eficácia do conjunto de pressões normativas exercidas na cidade-empresa no direcionamento social e emocional local. Ao mesmo tempo, um olhar mais detido à fonte demonstra que embates foram presentes. As práticas de resistência, no entanto, não foram capazes de redirecionar a história. Os diferentes monopólios exercidos em Monte Alegre, somados às narrativas de caráter pedagógico, transformaram os comportamentos manifestos naquele espaço, tornando o trabalhador dos “sertões do Tibagi” em trabalhador urbano-industrial.

Além de contribuições específicas para a história de Telêmaco Borba, ao adotar os pressupostos teóricos de Norbert Elias para estudar a história da região por meio de fontes jornalísticas, as análises apontaram para o jornalismo como um elemento potencialmente acelerador dos processos de desenvolvimento, visto que suas narrativas podem atuar como pressões visando transformações comportamentais, alterando o ritmo e os conteúdos das aprendizagens em seus espaços de circulação.

## Referências

### Fontes

*O Tibagi*, Telêmaco Borba (PR), 1948-1964.

### Bibliografia

- ANDRADE, P. D.; COSTA, M. V. Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação. *Textura*, v. 17, n. 34, p. 48-63, maio-ago. 2015.
- BARBOSA, M. *História cultural da imprensa*. Brasil – 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BARBOSA, M. Meio de comunicação e história: um universo de possíveis. In: RIBEIRO, A. P. G.; FERREIRA, L. M. A. *Mídia e memória*. A produção de sentidos nos meios de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- CANDIDO, A. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio *et al.* *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP; Rio de Janeiro: Ed. UNICAMP; Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Ed. UNESP, 1998.
- CHARTIER, R. Formação social de “habitus”: uma leitura de Norbert Elias. In: *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difusão, 1988.
- CORAIOLA, A. M. *Capital do Papel*. A história do município de Telêmaco Borba. Curitiba: A. M. S. Coraiola, 2003.
- COUTO, R. C. *A saga da família Klabin-Lafer*. Rio de Janeiro: Chermont, 2017.
- CUNHA, A. C. *Homem de Papel: Análise Histórica do Trabalhador das Indústrias Klabin do Paraná de Celulose S/A (1942-1980)*. 1982. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- ELIAS, N. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- ELIAS, N. *Escritos & Ensaios*. Vol. 1: Estado, processo, opinião pública. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- ELIAS, N. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- ELIAS, N. *Norbert Elias por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- ELIAS, N. *O processo civilizador*. Vol. 1: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- ELIAS, N. *O processo civilizador*. Vol. 2: Formação do Estado e civilização. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

- ELIAS, N. *Teoría del símbolo*. Un ensayo de antropología cultural. Barcelona: Península, 1994.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- FERNANDES, H. V. *Monte Alegre, Cidade Papel*. São Paulo: Símbolo S.A. Indústrias Gráficas, 1974.
- KOLODY, H. Escreveu Helena Kolody a autora. In: FERNANDES, H. V. *Monte Alegre, Cidade Papel*. São Paulo: Símbolo S. A. Indústrias Gráficas, 1974.
- MOREL, M. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, A. L.; LUCA, T. R. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.
- MOTTA, L. G. *Análise crítica da narrativa*. Brasília: Ed. UnB, 2013.
- PASSOS, J. *O Brasil em movimento*. São Paulo: Saraiva, 2013.
- PILOTO, V. [Sem Título]. In: HÉL. *Pioneiros do Iguatemi*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1966.
- PIQUET, R. *Cidade-empresa: presença na paisagem urbana brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- PRATES, C. J. *O Complexo W.I.T.C.H. acionando a magia para formar garotinhas nas redes do consumo*. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Luterana do Brasil, Canoas (RS).
- SIEBERT, S. A crônica brasileira tecida pela história, pelo jornalismo e pela literatura. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão (SC), v. 14, n. 3, p. 675-685, set.-dez. 2014.
- VIEIRA, A. F. B. *Jornalismo e a duração dos processos civilizadores: análise da adequação comportamental e da formação de uma segunda natureza em Monte Alegre – PR (1942-1964)*. 2020. Tese (Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa (PR).
- WILLER, M. R. *Harmonia: uma utopia urbana para o trabalho*. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

